



A guerra na Ucrânia de olhos bem fechados

Bruno Cava

Pesquisador da Rede Universidade Nômade. Ensaísta e professor de filosofia. Leciona cursos livres presenciais e no canal Horazul (Youtube). Autor de "A multidão foi ao deserto" (2013) e outros livros.

Presente artigo é a versão traduzida e ligeiramente modificada do original em francês, publicado no número 88 – Outono de 2022, da revista Multitudes, com o título *La guerre fait bifurquer*.
<https://www.multitudes.net/la-guerre-fait-bifurquer/>

A guerra na Ucrânia começou como uma guerra contra o povo, mas devido à resistência inesperada, tomou a forma de uma guerra popular ou popular prolongada, como na China ocupada pelo Japão Imperial. Faz parte da luta pela autonomia de um povo multiétnico e multilíngue perpassado por uma longa história de resistência à dominação imperial de russos, soviéticos, otomanos, lituanos-polacos, austríacos ou alemães. Também participa da história do ciclo curto das Primaveras da última década, uma vez que as forças democráticas desencadeadas pelo movimento da Maidan de 2013-14 seguem sendo combatidas pelo Partido da Ordem do nosso tempo. O Partido da Ordem encontra no despotismo reacionário putinista uma pedra angular, mas também conta com representantes em outros países, inclusive no Brasil. A luta na Ucrânia engloba coletivos e ativistas que lutam pelas mesmas liberdades reivindicadas no longo e ainda aberto ciclo de 1968: liberdades do corpo, da sexualidade, da expressão, do trabalho não subordinado.

O último álbum do cantor Harry Styles captou alguns elementos do espírito desta época. *Harry's House* se tornou um sucesso de público e crítica musical, e os ingressos para sua turnê europeia esgotaram rapidamente. São músicas de rock suaves e quase etéreas inspiradas em bandas pop dos anos 1980, como Fleetwood Mac e A-Ha. Elas funcionam bem quando acopladas ao transe indiferente provocado pelo TikTok, o novo modo de zapear a realidade, um controle remoto que funciona automaticamente, sem que precisemos sequer apertar algum botão de passagem do canal. O último álbum de Harry Styles, lançado em março de 2022, marca o início do período de ressocialização pós-pandêmica, entretanto, ao ouvi-lo atentamente, a sensação é de uma estranha inquietação. Em vez da felicidade pelo retorno à normalidade emocional de encontros e proximidades, "you know it's not the same *as it was*", as coisas não são mais como antes, algo indefinível se perdeu e aparentemente não pode ser recuperado.

A desocupação laboral e a precarização do trabalho em geral contribuíram para a erosão do futuro de mais de uma geração, deixando um rastro de populações indignadas em todo o planeta. As multidões das Primaveras Árabes dos anos 2010 terminaram sendo dobradas pelas frentes amplas em prol da Volta à Normalidade – o que, em alguns países,

culminou em terríveis guerras civis, algumas ainda em curso, como no Iêmen, Líbia ou Síria. As tentativas de preencher o vácuo das representações políticas solapadas pelos protestos por meio de soluções populistas e atalhos autoritários, só que de esquerda, falharam em todos os casos. Não só o centro do tabuleiro de xadrez da política convencional se mantém até hoje sem ocupação por quaisquer novas forças ou renovadas, como os neoconservadores milenaristas das novas direitas tomaram a iniciativa e passaram a ditar os termos da aliança entre líderes bonapartistas e maiorias sociais silenciosas. Como regra geral do desfecho da última primavera global dos povos, as massas desesperadas se deixaram seduzir pela imagem vicária de um retorno à ordem.

Em *The Great Recoil*, Paolo Gerbaudo caracterizou a atmosfera pós-pandêmica como o momento em que as sociedades se voltam para si mesmas¹. A integração global está encolhendo e as sociedades estão se fechando centripetamente, uma virada para dentro, *repli sur soi* como se diz em francês, associada ao processo mais amplo de desglobalização e dessolidarização. Compulsadas por quarentenas e confinamentos a se distanciarem, as sociedades se reduziram a células gregárias locais: comunidades familiares, grupelhos de vizinhos, bolhas de amigos. Sujeitos a pressões concêntricas, o campo da interioridade e as urgências da autonomia individual terminaram sendo reforçados, ao passo que, objetivamente, as condições da vida social se deterioraram. Durante a pandemia, demandava-se uma ação articulada em rede com a participação organismos supranacionais, encetada globalmente, que, no entanto, não veio. Ao contrário, as soluções políticas se voltaram novamente a reencarnar as figuras do rebanho: a família nuclear, os papéis fixos de gênero, a igreja, a nação (pensada como família) – em suma, um familismo civilizacional que ressurgiu ainda mais forte depois da pandemia. Em vez de um Grande Boot, a sucessão de crises e colapsos devido ao Covid-19 nos arremesou no tempo de um Grande Revés, “um tempo em que a sociedade é forçada a encarar as tensões e a agorafobia desencadeadas pela globalização neoliberal”².

1 Paolo Gerbaudo, *Politics after Populism and Pandemic*, London, Verso, 2021.

2 Ibid. p. 13.

A alegoria do despertar tem uma longa história na tradição crítica, desde o sono dogmático de Kant até a gramática contemporânea das lutas, incluindo o conceito de *Jetztzeit* em Walter Benjamin³. Durante as jornadas de junho brasileiras de 2013, os manifestantes gritavam "O gigante acordou!", para realçar que o medo mudara de lado. Os vários coletivos de ativistas identitários nos Estados Unidos foram batizados de geração *Woke* (acordada). Uma vez despertado do continuum de não-eventos, o personagem do desperto implica a estrutura subjetiva de auto-reconhecimento e o poder de gerar efeitos atuais hic et nunc. Essa subjetivação é entendida como irrevogável, não sendo mais possível voltar à condição do sono, de uma pessoa *não-woke*. Como se, para o desperto, tendo sido mordido pela mosca da vigília, não houvesse mais a opção de um retorno autêntico ao estado de dormência, mas apenas insônia.

Mas o que nos leva a acordar? Se nossa condição natural é o sono, o que, dentro do sono, poderia nos trazer para o presente ativo? A resposta freudiana, como sabemos, é o sonho, incluindo a consciência exata de que estamos sonhando⁴. O sonho tem efeitos despertadores que podem nos fazer querer acordar ou, ao contrário, ficar dormindo para melhor aproveitá-lo. Ficar acordado ou não se torna motivo para a elaboração de nosso próprio querer⁵. Existe, porém, uma zona entre o dormir e o acordar, entre o desejo de estar acordado e o desejo de dormir, que se vale de conexões ativas com o mundo.

Em seus estudos sobre filosofia e cinema, Deleuze fala em “movimentos de mundo” quando a zona intermédia citada acima se alarga para ocupar o mundo como um todo. Uma situação de “sonho implicado”, na qual a pessoa está “bem desligada de sua extensão motora, mas [que] não compensa mais essa perda entrando em relação com imagens-lembrança ou imagens-sonho explícitas”⁶. As coisas continuam acontecendo com grande violência e trauma por toda parte, mas chegamos a um estado de imobilidade *a grandes passos*. O planeta como um todo se torna uma paisagem despersonalizada na

3 Na obra de Walter Benjamin, o despertar para o tempo-do-agora tem fundo judaico-messiânico e não se distancia da imagem da porta estreita por onde passa o Messias a cada momento.

4 Sigmund Freud, “L’interprétation du rêve”. Traduction par Jean-Pierre Lefebvre ; Paris, Seuil, 2010, p. 532.

5 Ibid., p. 234.

6 Gilles Deleuze, “Cinéma 2. L’image-temps”, Paris, Minuit, 1985, p. 80-81.

qual grandes acontecimentos se sucedem, podemos vivenciá-los em todo o seu horror, mas é como se participássemos dessas cenas na forma de um destino. Queremos acordar, mas a verdade é que já não há uma diferenciação clara, pois a realidade transformou-se ela própria num carrossel de estranheza e devaneio.

No filme *Don't Look Up: Cosmic Denial* (2021), dirigido por Adam McKay, os personagens interpretados por Leonardo DiCaprio e Jennifer Lawrence são astrônomos que tentam freneticamente esclarecer a opinião pública sobre a descoberta de um asteroide em trajetória fatal. Em poucos meses, a Terra será atingida e a vida humana extinta. Os dois cientistas vão às redes sociais e são entrevistados num telejornal de grande audiência, mas ninguém parece comovido ou preocupado com a notícia. O que é interessante sobre este filme não é exatamente que o público não acredita que a catástrofe final está para acontecer. Porque eles acreditam. É que, mesmo acreditando, não importa, o mais importante para o público é desempenhar nas redes e plataformas a sua própria reação ao acontecimento, elencado como mais um desastre de uma longa série à qual já nos acostumamos a assistir e comentar.

Quando, em fevereiro deste ano, as tropas russas cruzaram a fronteira ucraniana em vários pontos do país, o planeta voltou a mergulhar em uma situação de alto risco nuclear. Durante a Guerra Fria, a doutrina da Destruição Mútua Assegurada (MAD) estava arraigada no *modus operandi* doutrinário das forças estratégicas das duas únicas superpotências, os Estados Unidos e a União Soviética. As lições da Crise dos Mísseis de Cuba em 1962 e da Crise dos Euromísseis em 1983 haviam institucionalizado mecanismos de desescalada, procedimentos de evitar a carnificina nuclear. Em 2022, os dispositivos técnicos e operacionais para esfriar as tensões não existem mais, pelo menos não na Federação Russa. Para piorar, no Kremlin não há mais nenhum colegiado burocrático ou estado-maior gerontocrático à frente do Estado nuclearizado, mas um autocrata que se enxerga como um personagem acometido de violentas paixões, como se tirado de “Os Irmãos Karamazov”. Claramente, Putin e seus falcões belicistas se aproveitaram da impressão de que o “Ocidente coletivo” estava encurralado e se uniram em torno da imagem de um líder irascível e imprevisível.

Embora a invasão em larga escala da Ucrânia pela Rússia fosse improvável, tendo enfim acontecido em 24 de fevereiro, balançou o pêndulo da percepção coletiva para o outro lado, normalizando a situação catastrófica. O clima das esferas comunicativas permaneceu relativamente normal. Como se existir no meio do desastre em curso fizesse parte da paisagem, nada de realmente extraordinário. Não se tratava mais de acordar, de suscitar uma resposta à altura, porque não haveria mais nenhuma realidade além do universo dos sonhos em que se converteu o fluxo do aqui e agora. A atmosfera emotiva está longe de repetir a paranoia totalizante de filmes-apocalipse dos anos 1980, como *The day after* (1983) ou o inglês *Threads* (1984). Vivemos, em vez disso, uma histeria em massa jubilosa, com a torrente das mídias sociais, o *flow* do Tik Tok ou o humor desencanado das músicas pop, como o filme *Don't Look Up*.

Do ponto de vista semiótico, a invasão russa é o oposto da primeira invasão do Iraque em 1991, capítulo inicial da era pós-Guerra Fria. Aquela marcara o início da chamada guerra "limpa", sem imagens de vítimas, com suas bombas "inteligentes" e seus caças invisíveis. A primeira guerra filmada em tempo real, mesmo à noite, graças a câmeras termográficas e equipes de jornalistas incorporadas às tropas, transmitida 24 horas por dia pela televisão a cabo, na CNN, para todo o mundo. A princípio imaginou-se que o exército russo, considerado o segundo mais poderoso do planeta, realizaria algo semelhante à Operação Tempestade no Deserto de 1991, aplicando novas tecnologias de enxames de drones, mísseis hipersônicos ultraprecisos e a doutrina militar pós-moderna das guerras híbridas.

Em poucas semanas de brutalidade, vimos que a realidade da guerra russa na Ucrânia era bem diferente, tendo o curto capítulo inicial de guerra de manobras dado lugar a uma guerra de atrito prolongada, repleta de zonas que se transformaram em moedores de carne humana. Não há áreas cinzentas, as célebres *grey zones* e seus limiares de conflitividade, como na fase de baixa intensidade do conflito ucraniano (2014-22), mas espaços quentes de guerra convencional, por assim dizer, à moda antiga. Em vez de assistirmos a demonstrações de armas sofisticadas, assistimos à velha barragem de artilharia a despedaçar as cidades, e a práticas bárbaras de infligir terror às populações

civis. É um conflito de forte conteúdo territorial, animado por conquistas de territórios físicos, redesenho de fronteiras geográficas e áreas de influência geopolítica, bem como por bloqueios navais e batalha de trincheiras que, por vezes, lembram as da Primeira Guerra Mundial.

Mas a situação não é simétrica. A assimetria não é apenas que há um agressor claro e uma população vitimada que tomou uma decisão coletiva de resistir. A assimetria também consiste no sistema de produção de signos de ambos os lados. Nisso, Zelensky não é um pequeno Putin.

Por um lado, há a liderança iconopolítica de Zelensky, o presidente eleito da Ucrânia que domina as linguagens das plataformas de streaming e das redes sociais, com uma imagem conscientemente autoconstruída de um cidadão comum arrastado por circunstâncias extremas⁷. Nos vídeos oficiais, Zelensky oferece imagens de corpos e feixes de experiências daqueles que vivem suas pequenas tragédias em meio à invasão⁸. Do outro lado, um personagem pré-internet que, à frente de um falso aparato midiático estatal, mobiliza os símbolos da Segunda Guerra Mundial e se veste com a capa roxa do império milenar, colocando-se em linha de sucessão dos antigos czares, em uma guerra maníaca contra todo o mundo ocidental. O mundo unipolar acabou, disse Putin ao Fórum Econômico de São Petersburgo. A nostálgica projeção do poder imperial russo não está na busca do pluralismo, mas na da “multipolaridade” da conferência de Yalta, onde Putin pôde sentar-se com outras “superpotências” para distribuir as zonas de influência do planeta. Nesse projeto megalomaniaco, Putin não hesita em converter em armas a segurança alimentar, energética e imigratória do planeta.

Após o primeiro mês do conflito, o público da Europa Ocidental começou a se desligar gradualmente da guerra na Ucrânia. Alguns dizem que nada mais é do que o previsível cansaço do bombardeio de notícias sobre a guerra. No entanto, as razões para esse desengajamento são mais profundas. As pessoas estão cientes do que está

7 Frédéric Bisson, “Zelensky, héros iconopolitique”, 08/03/2022, <https://aoc.media/opinion/2022/03/07/zelensky-heros-iconopolitique>

8 Volodymyr Artiukh, « Destruction of signs, signs of destruction », 09/05/2022, <https://emptiness.eu/field-reports/destruction-of-signs-signs-of-destruction>

acontecendo na Ucrânia e já entenderam que há uma batalha de perspectivas acontecendo. No entanto, uma fração significativa parece preferir cada vez mais um fim rápido do conflito, com cessão de territórios ilegalmente anexados e sem julgamento dos crimes de guerra do regime, quaisquer que sejam os custos a médio e longo prazo, em termos de desequilíbrio do sistema de segurança europeu e do empoderamento de Putin. Tem muito a ver com o mal-estar do nosso tempo captado no álbum *Harry's House* ou no filme *Don't look up*. Não é exatamente um estado de denegação, como no negacionismo do Holocausto, ao gosto da extrema-direita e suas teorias da conspiração, mas um estado de “sonho implicado”, de percepção conformista, de alegre histeria coletiva, de sentir “que não há nada a fazer”. A autoilusão aqui não consiste em uma falsificação da realidade, pelo contrário, é bem compreendida em linhas gerais: a Rússia atacou a Ucrânia, Putin é um ditador nostálgico das glórias imperiais, há resistência e ela é liderada por Zelensky. A autoilusão consiste em apostar que seria possível voltar ao normal, ao status quo ex ante, reequilibrando um mundo que só teria momentaneamente saído de seus eixos.

Uma parte da esquerda europeia reforça a tendência ao desengajamento, participando dele e celebrando-o, ao passo que o envolvimento no partido ucraniano da guerra seria necessário para a regeneração da própria esquerda europeia⁹. Esta esquerda que nutre uma empatia discreta ou “objetiva” por Putin¹⁰, procura calibrar cuidadosamente uma posição salomônica “nem-nem”: nem Rússia nem OTAN. No entanto, tudo o que os combatentes da resistência podem extrair dos países da OTAN através da mídia e da pressão política para resistir ao agressor e retomar suas fronteiras é urgente e positivo. Desarmar todo mundo é um sonho, como na música de John Lennon¹¹. Começar desarmando os mais fracos é simplesmente perverso.

9 Paolo Gerbaudo observa que, desde a crise do subprime de 2008 até à pandemia de Covid-19, o “patriotismo do isolamento” foi sucessivamente reforçado. A esquerda neossoberanista e nacionalista vê com bons olhos esta tendência de reorientação para os problemas nacionais, como evidenciam as recentes declarações de Pablo Iglesias, Jean-Luc Mélenchon ou Jeremy Corbyn. Gerbaudo, op. cit. Nesse sentido, concordo com Zizek no artigo citado abaixo: ou a esquerda apresenta uma resposta à guerra que vai além de seu próprio umbigo, ou perde sua razão de ser.

10 Os alemães sugeriram o neologismo "Putinverstehen".

11 Slavoj Zizek, “Le pacifisme est la mauvaise réponse à la guerre en Ukraine”, 21.06.2022, Les Actualités.

O século 20 terminou em 1991 com uma nota cinzenta e, logo depois, os mais astutos filósofos políticos teorizaram o início da era da multidão. Um novo sujeito histórico então se afirmava. A guerra não seria mais entre nações ou povos, mas potencialmente uma guerra da multidão¹². Então, na década passada, estourou a Primavera Árabe. Apesar do sentimento de recessão existencial que permeia nossa cultura, apesar da desglobalização e desorientação após tantos traumas e crises consecutivas, chegamos a uma bifurcação fundamental: devemos decidir coletivamente se vamos sonhar os problemas do novo século ou voltar a viver o pesadelo dos velhos.

12 Antonio Negri & Michael Hardt, *Multitude : guerre et démocratie à l'âge de l'Empire*. Tradução do inglês por Nicolas Guilhot, Boréal, 2004.